



TEMAS CRISTÃOS

180

# NOSTALGIA DE DEUS

PAULO ORIENTE FRANCIULLI

 QUADRANTE

São Paulo  
2021

Copyright © 2021 Quadrante Editora

Capa  
Quadrante

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Franciulli, Paulo Oriente

Nostalgia de Deus / Paulo Oriente Franciulli – São Paulo :  
Quadrante, 2021.

ISBN: 978-65-86964-59-2

1. Deus 2. Nostalgia I. Título.

21-59197

CDD 248.4

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Deus : Nostalgia : Cristianismo 248.4

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos reservados a  
**QUADRANTE EDITORA**  
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270  
CEP 01252-020 - São Paulo - SP  
[www.quadrante.com.br](http://www.quadrante.com.br) / [atendimento@quadrante.com.br](mailto:atendimento@quadrante.com.br)

# SUMÁRIO

Introdução .....	5
I. Outros tempos .....	9
Outras terras, outras pessoas, outro mundo .....	10
Coquetel afetivo .....	12
II. O que é a nostalgia? .....	15
III. Nostalgia e afetividade.....	21
A nostalgia é boa? .....	23
IV. Saudade e nostalgia.....	27
O que há no fundo da saudade .....	29
Saudade «boa» .....	30
Enfim, nostalgia e saudade são o mesmo? .....	31
V. Nostalgia de Deus .....	35
Magos nostálgicos.....	38
A alma do mundo .....	39
Vidas esvaziadas por buscas frustradas .....	40
Sede de Deus .....	42
Não é preciso esperar os marcos extremos .....	46
VI. As pessoas são «nostalgias ambulantes» .....	47
Como um «aplicativo» .....	48
VII. Nostalgia do Céu e do Jardim do Éden .....	51
O maior dos sonhos .....	52
O velho missionário.....	54
Nostalgia do futuro.....	55
O Jardim do Éden.....	57
Um bem a ser guardado .....	60
VIII. Por que nostalgia de Deus e do Céu? .....	63
Força propulsora.....	64

Aspectos da nostalgia de Deus .....	65
<i>A recordação perene do bem</i> .....	65
<i>A esperança da felicidade plena</i> .....	67
<i>O esforço por ser melhor</i> .....	70
<i>Onde estão os heróis</i> .....	71
<i>A elegância e a paciência perante as dificuldades</i> .....	73
IX. Quem é o destinatário da nostalgia? .....	75
O procurado é Deus.....	78
X. Deus é a plenitude que sacia: toda a verdade .....	81
XI. Plenitude da bondade .....	85
Uma indagação antes de prosseguir .....	87
Primeira explicação: Deus é pouco ou mal conhecido .....	87
Segunda explicação: Deus propõe um amor exigente .....	89
Terceira explicação: o homem se esquece de Deus .....	92
Em suma .....	93
XII. Deus é a beleza infinita.....	95
XIII. Plenitude do ser .....	99
Interpretação .....	104
A parte final do mito .....	106
Reparação.....	108
XIV. Deus onipotente: a plenitude do poder .....	111
XV. Deus é a onisciência .....	115
XVI. O desejado das nações.....	119
O mais amável .....	122
«Sublimados» versus «frívolos» .....	126
Dois conselhos para chegar a Deus .....	129
Junto do Filho está Maria.....	130
XVII. Por que tanta nostalgia? .....	133
O remoçamento .....	134
A cultura do descartável .....	136
A volta tem pista dupla.....	139
Ânsia de Deus.....	140
XVIII. Nostalgia, religião e esperança .....	143
Um remédio para a nostalgia .....	146
Outro remédio .....	147
Religar.....	149
Inabituação .....	150
Esperança .....	151
XIX. Conclusão.....	157

## INTRODUÇÃO

A nostalgia é um sentimento complexo: é fácil de sentir, mas difícil de explicar. Surge nas conversas do dia a dia e nas artes. Convida a olhar ao redor e para trás, na tentativa de reter o bem que passou ou pode passar, mesmo sabendo que isso é impossível.

Apesar de ser tida como algo melancólico ou até negativo, ela tem seu público cativo. Trata-se de público difícil de mensurar, pois é composto de anônimos de todas as idades e lugares, com um espectro que vai dos colecionadores de recordações aos sonhadores inconformados.

Mais ainda do que as recordações e os sonhos em si, talvez o que os nostálgicos valorizam mesmo seja a ressonância que esse sentimento produz em suas almas. Descubrem algo de forte intensidade e de sabor único, que mistura alegria e tristeza, esperança e desespero, desejo de recuperar algo e pesar pela sua perda. A nostalgia pode até viciar, passando a exigir doses maiores.

Do mesmo modo, ela requer e impõe silêncio. É muito íntima: o seu *habitat* é o coração. Perde a força e fica postiça quando vem à luz.

A atração exercida pela nostalgia aumenta quando ela invade o campo da transcendência. Em vez do passado e do que está em seu entorno, a pessoa passa a sentir falta da origem, do que há depois da morte, de algo superior a si mesma e daquilo que lhe falta no mundo visível. Essa é uma «nostalgia de trezentos e sessenta graus»; estende-se para todas as direções.

O presente livro nasceu da reflexão a partir de um marco específico. Ocorreu no dia 14 de setembro de 1998, data em que São João Paulo II publicou a carta encíclica *Fides et ratio*. No número 24 do texto, o Papa polonês escreveu: «Uma verdade que a Igreja sempre guardou no seu tesouro: no mais fundo do coração do homem, foi semeado o desejo e a nostalgia de Deus».

O fato de o Santo Padre ter usado a palavra «nostalgia» para acompanhar o desejo de Deus foi o estopim para as páginas que vêm a seguir. Afinal, ele elevou ao campo da religião algo que já tinha seu quê de mistério na psicologia e nas relações humanas. Este livro é, pois, um convite a aprofundarmo-nos nesse ensinamento, que de modo algum foi abandonado pelos seus sucessores.

Seu itinerário é o seguinte: inicia-se com a definição e caracterização da nostalgia; em seguida, debruça-se sobre a nostalgia de Deus propriamente dita, vista a partir do homem, o sujeito do sentimento, e do Céu, como lugar de seu destino; por fim, passa-se aos motivos por trás dessa nostalgia do Criador e, nos últimos capítulos, à sua relação com a religião.

Estas páginas desejam revelar a possibilidade de contemplarmos a beleza da ideia lançada por São João Paulo II e, por essa nova via, também a graça e a felicidade de ser um filho predileto de Deus, amado infinitamente por Ele.





## I. OUTROS TEMPOS

Você conversa com um amigo. Às vezes, acontece de ele evocar os tempos passados. Com olhar embaçado e sorriso melancólico, recorda a época em que usar o telefone «era uma coisa discreta (...). Falava-se baixo. Dava-se corda nos relógios. Era tranquilo caminhar pelas ruas à noite (...). Os vendedores de livros conheciam as obras. Brasileiro, para ir morar fora, tinha de ser exilado (...). A corujinha da TV mandava as crianças para a cama às nove da noite. As famílias podiam ir sem risco aos estádios de futebol (...). Havia garoa»<sup>1</sup>.

Há algo mais no interlocutor do que a simples lembrança. Ele está tomado por sentimentos conflitantes, mas que se encontram sob um nome familiar: nostalgia. Todos sabem que ela existe por experiência própria, mas não é fácil defini-la. É muito grande e complexa para caber em uma sentença.

---

(1) Ivan Ângelo, «Lembra-se», *Revista Veja* - São Paulo, 24.5.2006, p. 198.

Um caminho possível está em expressá-la por meio da arte. Romancistas, poetas, pintores e músicos o percorrem com alguma frequência. Eles dão forma à nostalgia, fazem com que os leitores, apreciadores e ouvintes sejam tomados por ela. Ao longo deste livro, serão vistos alguns casos de como a arte ilumina a nostalgia.

*Outras terras, outras pessoas, outro mundo*

A nostalgia não se restringe aos tempos idos, porém. Ela também se refere a lugares concretos. Gonçalves Dias, na «Canção do exílio», fala da pátria distante quando em seu desterro na Europa:

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores<sup>2</sup>.

---

(2) O lugar pranteado pode, inclusive, estar bem próximo. Gustavo Corção fala sobre a mesma cidade em que mora. Relembra o Rio de Janeiro da sua infância, na virada do século XIX para o XX: “(...) o ar era melhor do que o de hoje, aposto. Havia não sei que forma de sossego, de garantia, misturada no azoto do ar. (...) A cidade que Pereira Passos limpou e transformou preparava-se para ser a mais

Não faltam os que têm nostalgia de pessoas, na que talvez seja a forma mais dolorida e profunda desse sentimento. Abrange os pais, o cônjuge, os filhos e os amigos, falecidos ou distantes. José de Alcântara Machado emocionava-se ao falar do filho, conhecido escritor, que morrerá prematuramente. Quando um entrevistador lhe questiona qual a sua melhor obra, expressa que «um misto de saudade e melancolia toma conta da face de José. Sinto que ele faz um esforço para não deixar que as lágrimas lhe saltem aos olhos: “A minha melhor obra (*hesita, numa reticência que é toda emoção e nostalgia, para depois, comovidamente dizer, marcando bem as sílabas*) é Antônio de Alcântara Machado!»<sup>3</sup>.

A quarta modalidade de nostalgia aparece sob a forma do inconformismo com o mundo em que se vive: por ele não ser tão bom como deveria, por ser injusto e conter maldades... O sujeito lança um olhar ao redor e conclui que há algo errado, incompleto ou fora de lugar. Sente-se desajustado na sociedade, na cultura e no período em que está imerso. Uma personagem de Natalia Sanmartin diz: «Eu costumava pensar que tinha a sensibilidade de outro século, estava convencida de que tinha nascido no

---

bela do mundo. Tinha casas quadradas, casas boas, casas casas. (...) As ruas tinham muito pouca gente e o transporte era muito mais fácil do que hoje. (...) A cidade era bela como as moças daquele tempo” (*Conversa em sol menor*, Agir, Rio de Janeiro, 1980, pp. 175s).

(3) *O Estado de S. Paulo*, 25.2.2001, Caderno 2; a entrevista feita em 1939.

tempo errado e de que, por isso, me incomodavam a banalidade, a feiura, a falta de delicadeza. Acreditava que essa nostalgia tinha a ver com o desejo de uma beleza que já não existe, de uma época que, de repente, nos disse adeus e desapareceu»<sup>4</sup>.

Ou, ainda, a pessoa recorda algo do passado que era promissor, mas acabou mal. Diz para si mesma, melancólica: «Se tivesse dado certo... Se eu tivesse feito de outro jeito... Bastava ter ocorrido isto...». Trata-se da nostalgia do imperfeito do subjuntivo, na qual se misturam passado e futuro, o que foi e o que deveria ter sido. Fica-se triste com as possibilidades malogradas. Deseja-se o impossível de voltar no tempo para consertar algo e mudar a história. Não se quer sofrer mais as consequências ruins das decisões tomadas e dos atos executados. Antes, era a garota da promessa infinita; agora, é a senhora sem futuro.

Como, em geral, a culpada pelos fracassos e decisões erradas é a própria pessoa, o gosto predominante do seu estado de ânimo acaba sendo a amargura.

### *Coquetel afetivo*

Nostalgia de outros tempos, de terras distantes, de pessoas ausentes, de um mundo melhor e da perfeição não realizada. Um sentimento pro-

---

(4) *O despertar da senhorita Prim*, Quadrante, São Paulo, 2020, p. 91.

fundo, contraditório e complexo, agridoce, feito de mel e fel.

A tristeza substitui o que antes foi felicidade. Sofre-se pelo que se perdeu, pelo que não se tem, pelo que era para ser e não foi. O afastamento de pessoas e lugares queridos parece irremediável, restando apenas o abatimento e a revolta difusa.

Logo em seguida, vem certa alegria ao recordar os bons momentos, as companhias agradáveis, a sociedade pura e simples de então. Passou, é verdade, mas foi vivido – e bem vivido. Foi bom enquanto durou.

Como se vê, falar de nostalgia é tentar abarcar e enquadrar um coquetel afetivo: algo tão difícil quanto instigante, que precisa e merece ser analisado com calma.

